

SBPC critica a participação do Brasil na Estação Espacial Internacional

Em nome da entidade, Gilberto Câmara (Inpe), apresentou o documento "A SBPC e o Programa Espacial Brasileiro" no Seminário sobre Política Nacional de Desenvolvimento das Atividades Espaciais (PNDAE), promovido pelo MCT em 16/2. Segundo o documento, a participação do Brasil na Estação Espacial contraria "toda a política de investimento conduzida pelo MCT, que enfatiza projetos de mobilização científica e industrial".

Diz o texto da SBPC no trecho dedicado à Estação Espacial:

"A participação brasileira na Estação Espacial Internacional (ISS) é um dos pontos mais críticos, no entender da SBPC, do programa espacial. Enquanto todos os projetos anteriormente mencionados (Missão Espacial Completa Brasileira - MECB, Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Naturais - Cbers, Satélite Científico - Saci) são bem justificados do ponto de vista da coerência do programa espacial, de sua ênfase em benefícios concretos para a sociedade brasileira, e — embora necessitando de urgentes ajustes e revisões — mereçam o apoio da comunidade científica brasileira para sua continuidade e aprimoramento, a participação brasileira na ISS apresenta sérios inconvenientes.

Para começar, o conteúdo tecnológico dos subsistemas contratados ao Brasil é baixo e não apresenta nenhuma coerência com a capacitação industrial envolvida nos programas anteriormente mencionados. Toda a inteligência do programa está sendo conduzida pela empresa americana Boeing, sendo as empresas brasileiras subcontratadas para fabricação de com-

ponentes de baixo valor agregado. Como acontece em projetos desta magnitude, os orçamentos estão sendo continuamente majorados, de tal forma que a participação brasileira (originalmente prevista para US\$ 120 milhões) está atualmente orçada em mais de US\$ 300 milhões, onde uma parte substancial será contratada no exterior.

Os ganhos científicos oriundos da ISS vêm sendo questionados no mundo inteiro, pois o possível retorno na área de biotecnologia (com a produção de fármacos em condições do espaço) é desproporcional ao investimento, ainda mais considerando-se a estratégia estabelecida em programas como o Genoma-Brasil.

Louve-se ainda o fato que a ISS tem severos críticos nos países desenvolvidos. Para citar apenas um exemplo, a revista *The Economist* vem, em artigos sucessivos, denunciando o projeto ISS como desperdício de recursos públicos, cujo retorno será insuficiente.

A SBPC preocupa-se sobremaneira com o projeto ISS, pois considera-o contrário a toda a política de investimento que vem sendo conduzida pelo MCT, que

ênfatiza projetos estratêgicos de mobilizaçãõ científica e industrial. O orçamento destinado à ISS poderia ser muito melhor empregado em projetos do próprio setor espacial, dando uma completa revitalizaçãõ em programas com o Cbers, Saci, MECB e o VLS (Veículo Lançador de Satêlites)."

Em sua avaliaçãõ, a SBPC frisa que os melhores resultados do Programa Espacial Brasileiro estãõ "em áreas onde houve forte investimento em pesquisa e capacitaçãõ de pessoal". E diz: "Os sucessos têcnicos e industriais do programa Cbers, Saci e SCD-1 (1º Satêlites de Coleta de Dados) foram todos conquistados nos subsistemas onde houve forte pesquisa e formaçãõ de pessoal." Para a SBPC, o Programa Espacial Brasileiro estãõ hoje num ponto crîtico de transiçãõ, diante de "dois grandes cenários possíveis": "No cenário otimista, o Pnae irãõ aproveitar a competênciã instalada e os sucessos conseguidos para desenhar novo programa, no qual se garanta a competênciã nacional, em todos os pontos essenciais. Isto inclui todas as fases, desde a concepçãõ atê o uso dos dados produzidos pelos

satêlites. Para tanto, devemos sobremaneira concentrar o foco do programa em aplicações concretas, como as proporcionadas pelos SCD-1, Saci, Cbers. No entanto, este cenário só é viável se parcela substancial dos recursos for destinada à capacitaçãõ acadêmica e industrial. Precisamos formar novos grupos de engenharia espacial nas Universidades e garantir que as indústrias tenham a capacidade de execuçãõ da nova geraçãõ de satêlites. De nada adiantará conceber satêlites se eles nãõ puderem ser executados substancialmente pela indústria nacional. No cenário pessimista, o programa serãõ reduzido a um grupo de engenharia de sistemas lotado na Agência Espacial Brasileira, que se limitarãõ a especificar satêlites e contratar projetos, sem qualquer açãõ proativa de fomento à capacitaçãõ nacional. O risco deste cenário é o Pnae se transformar num programa de exportaçãõ de empregos de alta tecnologia."